

## Roberto Garcia Simões

É professor da Ufes e especialista em políticas públicas

E-mail: roberto.simoese@ufes.br

As visões diferentes das equipes de Casagrande e Hartung antecedem a eleição. Contudo, não foram disponibilizados na internet relatórios consistentes

# Passou da conta

É atraso técnico e político inviabilizar a transição republicana do governo Casagrande para o eleito Hartung. Números em questão, posições diferentes e o salutar debate sobre finanças públicas foram suprimidos por pedidos açodados de “investigação” e por “denúncias” de última hora.

Quando foi institucionalizada em 2002, esse tipo de transição pretendia reduzir riscos e tensões. Mas é o inverso que rege as duas equipes – reafirmando a velha política da terra arrasada.

Essas narrativas, no mínimo ultrapassadas, desagradam à sociedade – que paga a conta salgada. Se não bastasse o clima hostil, persistem dúvidas, e a necessidade de esclarecimentos críticos, sobre a real situação do Tesouro.

Observe-se que as visões diferentes das equipes de Casagrande e Hartung antecedem a eleição. Contudo, não foram disponibilizados na internet relatórios consistentes que não se limitem aos dois PowerPoint apresentados na Assembleia, semana passada. Note-se que a transição civilizada se pauta pela ideia de gerar informações cidadãs.

Dos pontos que precisam ser abertos, em linguagem acessível, destaco:

1. Pessoal: o que contribuiu decisivamente para o aumento da folha, além da contratação, entre outros, de mil policiais militares? Aumentos salariais via planos de cargos? O limite legal foi atingido ou não?;

2. Custeio: quais despesas mais cresceram? Além do Hospital Jayme Santos Neves, o que mais influenciou?

3. Investimento próprio. Além dos incrementos da folha e do custeio, a redução nesse tipo de investimento decorreu também de um colchão para um sonhado segundo mandato unânime?

Há interações entre pessoal, custeio e investimento. Por ex., a contratação de mil policiais também eleva o custeio e requer investimento – caso se pretenda atingir metas.

4. Royalties e participações elevados: quais foram as principais destinações e o que mudará?

5. Financiamentos: quais foram os principais financiamentos e a que custos futuros?

6. Dívidas: qual o limite atingido em 2004? É um dos menores da federação? Foram cancelados empenhos? Há pagamentos atrasados?

7. Colchão: qual será o valor da herança? Qual o percentual comprometido com ações iniciadas até 2014?

Por fim, ocorreu alguma redução de gastos ou o “mais com menos”?

A conta da informação ética, e não a propaganda ou o choro, não pode ser sonogada à sociedade.